

STEIN, Jorama. A noção de “linguagem interior” em Émile Benveniste: uma problematização para a compreensão da escrita. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

A NOÇÃO DE “LINGUAGEM INTERIOR” EM ÉMILE BENVENISTE: UMA PROBLEMATIZAÇÃO PARA A COMPREENSÃO DA ESCRITA

*The notion of “inner language” in Émile Benveniste: a problematization for the
comprehension of writing*

Jorama Stein¹

joramastein@gmail.com

RESUMO: Benveniste, em suas últimas aulas no Collège de France, refere que a escrita requer a elaboração da “linguagem interior” por parte de quem escreve, em função de um alocutário (BENVENISTE: 2012, 2014). Este trabalho tem por objetivo problematizar a noção de “linguagem interior” a fim de melhor compreendermos a concepção de escrita para o linguista sírio. Para tanto, do ponto de vista teórico, buscamos subsídios nos textos publicados na obra “Dernières Leçons” (BENVENISTE: 2012) e na tradução dessa obra (BENVENISTE: 2014). Do ponto de vista analítico, primeiramente, deixamo-nos interrogar por um fólio ainda inédito, pertencente ao conjunto de manuscritos de Benveniste armazenados na Biblioteca de Manuscritos de Richelieu, em Paris e, em seguida, confrontamos essa descoberta com formulações de alguns últimos textos do linguista e com a problematização de “linguagem interior” proposta por Vygotsky (2001). A leitura realizada evidencia a complexidade da compreensão dessa noção, uma vez que o linguista deixou, no fólio, marcas de um pensamento em devir, o que configura o estudo da noção como mais uma opção pelo problema, na dimensão compreendida por Teixeira (2012) de que temos, na obra do linguista, “uma atitude heurística, caracterizada por não se esquivar da ‘matéria estranha’”. A partir daí, há a evidência de compreensão da “linguagem interior” como um sistema singular, que não é decalque do pensamento, e que anuncia uma contribuição benvenistiana não só para a compreensão da escrita, mas também para a necessidade de sua mobilização em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: “linguagem interior”; escrita; enunciação.

ABSTRACT: Benveniste, in his last classes at the Collège de France, says that writing requires the elaboration of the “inner language” by the writer, due to an allocator (BENVENISTE: 2012, 2014). This paper aims to problematize the notion of “inner language” in order to better understand the conception of writing for the Syrian linguist. For this, from the theoretical point of view, we seek subsidies in the texts published in the work “Dernières Leçons” (BENVENISTE: 2012) and in the translation of this work (BENVENISTE: 2014). From an analytical point of view, we are first questioned by a still unpublished folio belonging to Benveniste’s collection of manuscripts stored in the Richelieu Library of Manuscripts in Paris, and then, we confront this discovery with formulations of some of the last texts of the linguist and with the problematization of “inner language” proposed by Vygotsky (2001). The performed reading shows the complexity of understanding this notion, since the linguist left, on folio, marks of a thought to become, which configures the study of the notion as another option for the problem, in the dimension understood by Teixeira (2012) that we have, in the linguist’s work, “a heuristic attitude, characterized by not evading ‘strange matter’”. From there, there is evidence of comprehension of the inner language as a singular system, which is not a decal of

¹ Doutora em Linguística Aplicada. Docente da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – campus Jaguarão.

thought, and announces a benvenistian contribution not only to the comprehension of writing, but also to the need for its mobilization in the classroom.

KEYWORDS: “inner language”; writing; enunciation.

INTRODUÇÃO

A compreensão da escrita em Émile Benveniste tem sido objeto de muitos trabalhos de estudiosos da linguística da enunciação². Quando comecei a estudar as “*Dernières Leçons*” do linguista no Collège de France, ainda em 2012, não havia tradução e aventurei-me por tentar compreender a teorização de Benveniste, com foco nas lições em que mais problematizava a escrita (da aula 8 a 15). Mais tarde, em 2014, lançou-se a tradução, a qual muito contribuiu para que pudesse pensar a respeito do que de fato significava levar a noção de escrita, derivada de meus estudos acerca dessas aulas, para a sala de aula. Essa incursão foi um tanto desafiadora, uma vez que não havia teses que de fato tivessem se apropriado desse último curso de Benveniste.³

Ainda hoje, no entanto, quando problematizo escrita e seu ensino ou, como prefiro dizer, mobilização em sala de aula, o princípio, derivado das últimas aulas de Benveniste, que mais gera discussão entre os alunos da graduação, é “a escrita pressupõe uma abstração de alto grau, uma vez que se articula ao processo de elaboração da “linguagem interior” e ao desprendimento da riqueza contextual” (Stein 2016: 122). Os alunos questionam o que de fato seria “linguagem interior” para Benveniste.

Essa noção é, de fato, digna de problematização. Aqui, ela é, portanto, posta como um problema, opção benvenistiana tão bem compreendida por Teixeira (2012). Para a linguista, temos em Benveniste “uma atitude heurística, caracterizada por não se esquivar da ‘matéria estranha’”. Nesse sentido, proponho-me a problematizar a

² Agradeço, imensamente, à professora Carolina Knack (FURG), que propiciou o início dessa problematização através do convite para integrar o simpósio “A enunciação na sala de aula: os estudos enunciativos e a educação linguística e literária”, realizado no VII ENALLI, na Feevale, em novembro de 2019. Meus sinceros agradecimentos a Sabrina Vier, pela interlocução e inspiração para essa reflexão e ao Giovane Fernandes de Oliveira, que além de partilhar ideias na ocasião do simpósio, fez uma leitura atenta deste artigo antes de sua publicação, colocando-se como um interlocutor ímpar. Obrigada por me permitirem ser na enunciação!

³ Reconheço que a primeira tese a trabalhar com a noção de escrita em Benveniste foi a de Endruweit (2006). Na época, no entanto, ainda não estava publicada a obra *Dernières Leçons* (2012). Meu interesse de estudar a escrita em Benveniste foi, portanto, alavancado pelo contato com a obra e com sua tradução, daí eu tê-la priorizado na tese (Stein: 2016).

noção de “linguagem interior”, atenta a um fôlio, que integra os manuscritos benvenistianos, sobre o qual ainda não tenho notícias de publicação⁴.

Para tanto, na primeira seção, apresento o fôlio a que me refiro, deixando-me interrogar por ele; na segunda seção, discuto-o à luz de formulações benvenistianas acerca da (linguagem) interior apresentadas nas “Últimas Aulas” (2014) e em alguns de seus textos publicados nos “Problemas de Linguística Geral I e II”; na terceira seção, traço algumas considerações finais com o intuito de produzir questionamentos que possibilitem a abertura para outros desdobramentos a respeito do tema.

1. APRESENTAÇÃO DO FÓLIO

Fui agraciada com a oportunidade de entrar em contato com os manuscritos armazenados na caixa 40 do acervo de Richilieu, filial da Biblioteca Nacional da França, reservada a pesquisadores⁵. Ao deparar-me com a riqueza de todo aquele material tão referido por geneticistas e linguistas, o estudei durante uma semana. O meu interesse estava em descobrir mais a respeito desse pensamento em devir tão referido por Fenoglio em seus trabalhos. À medida que lia as notas, comparava o que ali estava com o que fora publicado na obra “Dernières Leçons”(Benveniste: 2012) e, em sua tradução: “Últimas Aulas no Collège de France” (Benveniste: 2014).

Estava ciente de que a publicação da obra contou com a organização impecável de grandes profissionais, alunos de Benveniste, Irène Fenoglio e Jean-Claude Coquet, os quais fizeram um trabalho detalhado acerca da gênese do pensamento do linguista. Logo, qualquer manuscrito que pudesse não estar completamente referido na obra ou aparentemente não reproduzido na mesma aula em que se encontrava armazenado, seria, de alguma forma, contemplado, pela decisão cuidadosa da geneticista e do linguista.

Em minha leitura, encontrei um fôlio que não estava traduzido nas “Últimas Aulas” nem completamente referido no corpo do texto, embora muito de sua ideia esteja mencionada na oitava aula da obra. Como acredito que ele merece uma maior

⁴ É de meu conhecimento a recente publicação “Émile Benveniste: a gênese de um pensamento”, de autoria de Irène Fenoglio (2018), traduzida em 2019, no entanto o fôlio a que me refiro não foi por mim localizado nessa obra, por isso a opção por apresentá-lo na seção seguinte.

⁵ Esta oportunidade se deu durante meu Doutorado-Sanduiche na Université Sorbonne Nouvelle Paris VIII, o qual foi coordenado pela professora Claire Doquet. Agradeço a ela pela acolhida no Departamento de Linguística da Escrita da universidade e à bolsa concedida pela CAPES/FAPERGS de agosto a dezembro de 2015.

problematização, justamente por referir de maneira bastante instigante a “linguagem interior”, trago-o neste texto.

Esse fólio, de número 164, integra o envelope 80, da caixa 40. Lá, encontramos os fólhos de 152 até 186. O fólio a que me refiro é pequeno, quadrado, e, nele, Benveniste faz uma anotação ao tratar da “linguagem interior”, apontando para Vygotsky e indicando uma determinada página, mas sem mencionar o ano da publicação a que se refere.

Para facilitar a discussão, apresento o fólio em francês em transcrição diplomática⁶, seguido de sua tradução. Cabe mencionar que qualquer inadequação tanto do ponto de vista dos termos em francês quanto de sua tradução deve ser facultada a mim, uma vez que os divulgo aqui mesmo diante das circunstâncias de encontro: como a biblioteca não permitia cópia do fólio, o transcrevi em meu caderno de estudos. Para compreender a grafia de Benveniste, pedi auxílio do bibliotecário. Nesse sentido, a reflexão que faço aqui é de minha responsabilidade. Eis o fólio e sua tradução:

<p>La Langue écrite n’a pas la même relation au langage intérieur que le parler oral. Celui-ci précite le langage intérieur dans le cours de développement tandis que la langue écrite suit le langage intérieur en suppose l’existence (l’acte d’écrire impliquant une traduction du langage intérieur). Mais le grammaire de la pensée n’est pas la même des les deux cas. On pourrait même dire que la syntaxe du langage intérieur est l’opposé de la synt. de le lang⁷ écrite, avec la langue parlée au milieu.</p>	<p>Vygotsky-p.19</p>
---	----------------------

Quadro 1: Transcrição diplomática do Manuscrito de Émile Benveniste (PAP. OR., caixa 40, env. 80, fº 164).

⁶ De acordo com Grésillon (2007), a transcrição diplomática consiste na reprodução quase idêntica do texto original a fim de permitir que o texto seja facilmente lido. “Toda transcrição deve reproduzir ao pé-da-letra a totalidade do original, incluindo sua ortografia e pontuação por vezes estranhas ou incorretas[...]”. (GRÉSILLON 2007: 170). A autora esclarece também que a transcrição reflete um trabalho de análise e que, nesse sentido, é importante compreender que “o objetivo da transcrição não é a perfeição, mas a perfectibilidade”. (GRÉSILLON 2007: 170).

⁷ Benveniste abrevia a palavra, logo não é possível saber se estaria fazendo referência à língua ou a linguagem. Pelo contexto do fólio, imagino que seja à língua, daí minha decisão de manter esse termo na tradução.

A língua escrita não tem a mesma relação com a linguagem interior que o falar oral. Este refere a linguagem interior no curso do desenvolvimento enquanto a língua escrita segue a linguagem interior supondo sua existência (o ato de escrever implica uma tradução da linguagem interior). Mas a gramática do pensamento não é a mesma nos dois casos. Poderíamos mesmo dizer que a sintaxe da linguagem interior é a oposição da sintaxe da língua escrita, com a língua falada no meio.

Vygotsky-p.19

Quadro 2: Tradução do Manuscrito de Émile Benveniste (PAP. OR., caixa 40, env. 80, fº 164.

É um fólio que causa um impacto no analista de linguagem justamente por requerer a compreensão de diversas noções em Benveniste.

Saliento que o movimento aqui proposto é de atentar para esse Benveniste “ruminante”, como aponta Fenoglio em seus estudos a respeito da gênese da obra do linguista, característica reiterada na mais recente obra com a tradução dos manuscritos de Benveniste (Fenoglio: 2019).

Vier (2016), em sua tese, ao encontro das reflexões da geneticista, encontra na ruminação uma categoria de análise ao analisar a obra Baudelaire e questiona em que pontos Benveniste rumina, ou seja, sobre quais pontos volta a sua atenção por ali estar algo que tem um lugar. Vier afirma (2016: 76): “pela ruminação, a formulação teórica empreendida por Benveniste tem um lugar na escrita: as ideias encontram um lugar porque escritas, não porque cumprem a linearidade de um texto, se é que podemos encontrar essa linearidade em Benveniste.”

Nesse sentido, reconheço que os termos escritos por Benveniste constituem uma ruminação e que muitas vezes um termo está colocado no lugar de outro, o que só vai ser adequadamente compreendido pelo estudo de como esses termos se encadeiam em um determinado corpus textual, como já lembrou Flores (2013). Opto, portanto, pela menção aos textos “A forma e o sentido na linguagem” (Benveniste:

2005 [1952])⁸ e “Comunicação animal e linguagem humana” (Benveniste: 2006 [1967]) como ponto de partida para pensar linguagem e, em seguida, cito a referência feita por Benveniste ao termo “linguagem interior” em um de seus últimos textos, “Aparelho formal da enunciação” (BENVENISTE: 2006 [1970]). Mais tarde, recorro à apresentação da noção de “linguagem interior” nas “Últimas Aulas”.

1.1 O FÓLIO E O LUGAR DA TRANSPOSIÇÃO DA “LINGUAGEM INTERIOR”

Ora, o caráter da linguagem é o de propiciar um substituto da experiência que seja adequado para ser transmitido sem fim no tempo e no espaço, o que é o típico do simbolismo e o fundamento da tradição linguística. (Benveniste 2005[1952]:65).

Há, nesse trecho, a evidência da capacidade de simbolizar uma experiência como inerente ao homem na/pela linguagem, a qual será, de certa maneira, reiterado na célebre passagem: “bem antes de servir comunicar, a linguagem serve para viver” (Benveniste 2006[1967]: 222).

É importante lembrar que as formulações de Benveniste, nesses textos mencionados, fazem referência à fala, pois o linguista parece problematizar de fato a escrita a partir do texto “Aparelho Formal da Enunciação”. Retomei-as justamente porque, é preciso compreender a questão simbólica como fundamental para a linguagem, como aquela que está na natureza do homem.

No fólio, Benveniste menciona que a “linguagem interior” não tem a mesma relação com a escrita que o falar oral. Enquanto a fala o refere inevitavelmente, ou seja, se bem entendo, a requer de forma “natural” no curso de seu desenvolvimento, a língua escrita implica a tradução da “linguagem interior”. A língua escrita, mais do que contar com a “linguagem interior”, estabeleceria uma relação necessária com ela a fim de constituir a escrita como sistema.

A relação entre o oral e a “linguagem interior” fica ainda mais evidente na passagem de “O aparelho formal da enunciação”, texto em que Benveniste aponta uma preocupação com a enunciação escrita:

Inversamente, o “monólogo” procede claramente da enunciação. Ele deve ser classificado, não obstante a aparência, como uma variedade do diálogo, estrutura fundamental. O “monólogo” é um diálogo interiorizado, formulado em “linguagem interior”, entre um eu

⁸ Menciono o ano da edição da obra Problema de Linguística Geral e, entre colchetes, o ano da primeira publicação do texto, tendo em vista que a ordem importa na constituição da reflexão benvenistiana.

locutor e um eu ouvinte. Às vezes, o eu locutor é o único a falar; o eu ouvinte permanece entretanto presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significante a enunciação do eu locutor. Às vezes, também, o eu ouvinte intervém com uma objeção, uma questão, uma dúvida, um insulto. A forma lingüística que esta intervenção assume difere segundo os idiomas, mas é sempre uma forma “pessoal”. (BENVENISTE 2006[1970], p. 87-88).

Nessa passagem, Benveniste aborda a formulação da “linguagem interior” como algo que não diz respeito somente ao eu locutor mas também ao eu ouvinte. Aí possivelmente também reside o fato de que a língua escrita supõe a existência da “linguagem interior”, mencionada no fôlio, ou seja, se na fala, no diálogo ou, mesmo no monólogo, contamos com essa transposição da “linguagem interior”, quanto mais na escrita.

Benveniste desenvolve essa ideia na oitava aula:

Pois o ato de escrever não procede da fala pronunciada, da linguagem em ação, mas da linguagem interior, memorizada. A escrita é uma transposição da linguagem interior, e é preciso primeiramente aceder a essa consciência da linguagem interior ou da “língua” para assimilar o mecanismo da conversão em escrito (BENVENISTE 2014:132)

Para transpor a “linguagem interior” é preciso acessar a consciência: “A linguagem interior é rápida, incoerente, pois sempre se compreende a si mesma. É sempre uma língua *situada* em um contexto presente, eu faz parte da condição de linguagem, portanto, inteligível para o falante e apenas para ele.” (Benveniste 2014:132).

E é possível torná-la inteligível a outros? Como? Para responder aos questionamentos, Benveniste continua:

Porém, transferir essa linguagem interior – condicionada pela relação do locutor consigo mesmo em uma experiência e circunstância únicas, mutáveis – em uma forma inteligível a outros, e que perde, sob seu aspecto escrito, toda relação *natural* com a relação que foi da linguagem interior, é uma tarefa considerável e que exige um atitude inteiramente diferente da que adquirimos por meio do hábito de transferir o pensamento à escrita. (BENVENISTE 2014: 132).

Ou seja: uma coisa é escrita como expressão do pensamento, outra bem diferente é considerar o processo de elaboração requerido pela transposição da “linguagem interior”. Há aí o retorno à ideia da complexa abstração requerida pela escrita e defendida por Benveniste em seu último curso no Collège de France.

No prefácio de “A construção do pensamento e da linguagem”, de Vygotsky (2001), é exposta a natureza psicológica da escrita como função autônoma da linguagem e da sua relação com o pensamento:

Poderíamos mencionar como exemplo as tentativas de autores modernos, que procuram decompor o pensamento discursivo nos seus constituintes com a finalidade de estudar a relação e a interação entre esses dois processos. O resultado desse tipo de estudo é a conclusão de que os processos que movimentam a linguagem desempenham um grande papel, que assegura um melhor fluxo do pensamento. Eles ajudariam os processos de interpretação pelo fato de que, sendo difícil e complexo o material verbal, a linguagem interior realiza um trabalho que contribui para uma melhor fixação e unificação da matéria apreendida. Esses mesmos processos sobressaem em seu fluxo como forma de atividade dinâmica quando a eles se incorpora a linguagem interior, que ajuda a sondar, abranger e destacar o importante do secundário no movimento do pensamento, e a linguagem interior acaba desempenhando o papel de fator que assegura a passagem do pensamento para a forma verbalizada em voz alta. (VYGOTSKY 2001: 04)

Assim como para Vygotsky, para Benveniste a “linguagem interior” e o pensamento⁹ não são a mesma coisa e, ainda, para ambos, a “linguagem interior” assegura a passagem do pensamento à verbalização: primeiro sob a forma oral, depois sob a forma escrita. “Tornar inteligível a linguagem interior é uma operação de conversão que acompanha a elaboração da fala e a aquisição da escrita.” (Benveniste 2014: 132).

Para melhor traduzir isso, Benveniste menciona no fôlio 164 que: “Poderíamos mesmo dizer que a sintaxe da linguagem interior é a oposição da sintaxe da língua escrita, com a língua falada no meio.”

Ele reitera, portanto, que a língua escrita implica a “linguagem interior”, mas não é o seu decalque, relação já colocada entre a fala e a escrita: a última supõe a primeira, mas não é o seu decalque. A pergunta que não quer calar aqui é de que ordem é a sintaxe da linguagem interior colocada por Benveniste? O que me parece evidente é de que melhor podemos acessá-la por observação de como a língua está na escrita e, mais ainda, por intermédio da língua falada.

A leitura aqui realizada evidencia a complexidade da compreensão de “linguagem interior”, uma vez que o linguista deixou, no fôlio, marcas de um pensamento em devir, o que configura o estudo da noção como mais uma opção pelo problema. A partir daí, há a evidência de compreensão da “linguagem interior” como

⁹ A relação entre linguagem e pensamento foi explorada pelo estudo de um outro fôlio, analisado por Flores (2019).

um sistema singular, que não é decalque do pensamento, e que precisa ser considerada por aquele que escreve a fim de tornar sua escrita acessível de fato aos leitores.

2. INTERROGAÇÕES FINAIS

A reflexão, ainda muito incipiente, instaurada a partir da apresentação do fólio 164, teve como objetivo colocar em discussão a noção de “linguagem interior” posta em relação com a escrita. Pareceu-me urgente problematizá-la a fim de que pensemos não só em nossos próprios processos de nos instaurarmos na escrita, mas também na possibilidade que temos, como educadores, de auxiliar nossos alunos em seus processos de escrita. A compreensão dessa noção coloca em destaque a necessidade de, em uma perspectiva enunciativa benvenistiana, pensarmos na escrita em nossas escolas bem mais como mobilização do que como ensino, defendida por Stein (2016).

Além disso, outras questões, de diversas ordens, podem ser levantadas: que espaço essa noção tem na aquisição da linguagem? Que contribuição oferecia aos estudos da tradução? Em que sua compreensão poderia colaborar para o desenvolvimento da autoria? E mais: quais implicações traria para a compreensão da relação entre linguagem e pensamento e entre linguagem e realidade?

Muitas questões se colocam. Algumas ponderadas aqui. Outras que ainda virão. A exemplo do exposto por Fenoglio e Coquet no prefácio das “Últimas Aulas”, “nosso interesse é ouvir Benveniste” e encontrar, aos poucos, escuta para nossas ideias, que começam a encontrar lugar, como nos lembra Vier (2016), justamente porque escritas. Teixeira (2006: 231) bem anunciava esse caminho: “a experiência acadêmica, vertiginosa, intensa, multifacetada, precisa dessa escuta, que propicia o enfrentamento com interrogações instaladas no processo de construção de um lugar de fala.”

As interrogações aqui colocadas devem, portanto, abrir caminhos para tornar mais inteligível a noção de “linguagem interior” e conduzir a sua problematização nas mais variadas esferas em que a linguagem tem lugar para, parafraseando Benveniste, servir para viver.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. Comunicação animal e linguagem humana. In: *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. A forma e o sentido na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- BENVENISTE, Émile. *Dernières Leçons*. Paris: Editora Gallimard, 2012.
- BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France*. São Paulo: ed. da UNESP, 2014.
- ENDRUWEIT, Magali Lopes. A escrita enunciativa e os rastros da singularidade. Tese de Doutorado (Linguística). Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- FENOGLIO, Irène. Émile Benveniste: a gênese de um pensamento. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2019. Organização de Valdir do Nascimento Flores, Verônica Galindez e Heloísa Monteiro Rosário.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento. A língua e o pensamento. In: FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas Gerais de Linguística*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- GRÉSSILON, A. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2007.
- STEIN, Jorama. “Eu não sou essa escrita aí e, ao mesmo tempo, essa escrita é minha!”: por uma problematização enunciativa benvenistiana para o ensino de escrita. Tese de doutorado (Linguística Aplicada). São Leopoldo: UNISINOS, 2016.
- TEIXEIRA, Marlene. Palavras para fazer ouvir interrogações. *Organon*. Porto Alegre. n. 40/41. dez. 2006.
- TEIXEIRA, Marlene. Um lieu épistémologique pour l’analyse de la subjectivité dans des pratiques des soins infirmiers. Conferência. Strasbourg: Premier Congrès de la Société Internationale d’ergologie, 2012.
- VIER, Sabrina. Quando a linguística encontra a linguagem: da escrita de Émile Benveniste presente no Dossiê Baudelaire ao estudo semiológico de uma obra literária. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. São Leopoldo: UNISINOS, 2016. Orientação: Profa. Dra. Ana Maria de Mattos Guimarães e Valdir do Nascimento Flores.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Pontes, 2001.

Recebido no dia 23 de dezembro de 2019.
Aprovado no dia 06 de março de 2020.